

CARNAVAL SUBURBANO BELENENSE: LAZER E TENSÕES SOCIAIS NAS MARGENS DO RIO GUAMÁ EM MEADOS DO SÉCULO XX

BELENENSE SUBURBAN CARNIVAL: LEISURE AND SOCIAL TENSIONS ON THE BANKS OF THE GUAMÁ RIVER IN THE MID-20TH CENTURY

Elielton Benedito Castro Gomes *
elieltonbcgomes@gmail.com

RESUMO: Este artigo trata das festas de carnaval em bairros localizados na margem do rio Guamá (Guamá, Condor e Jurunas), noticiadas nas páginas de jornais (A Província do Pará, Jornal do Dia e O Liberal) que circulavam na capital paraense, em meados do século XX. Nessas paragens, foi identificada uma dinâmica urbana em que se sobressaíam as experiências lúdicas e sociais, marcadas por uma forte vigilância policial e que, por meio de denúncias ou representações negativas acerca daquelas localidades, se faziam constantes, inibindo e vigiando a vivência desses sujeitos. As múltiplas formas de viver naquelas áreas, bem como percebê-las, expressadas nas relações que cotidianamente eram estabelecidas e, muitas vezes, aproximavam ou distanciavam os que ali transitavam, permitiram visualizá-las enquanto parte fundante de uma cultura festiva belenense, cultura essa que, ao longo daquele tempo, era de interesse não apenas dos moradores do subúrbio, mas também de pessoas que se identificavam com ele.

PALAVRAS-CHAVE: Belém do Pará; Carnaval; Subúrbio.

ABSTRACT: This article deals with carnival parties in neighborhoods located on the banks of the Guamá River (Guamá, Condor, and Jurunas), reported on the pages of newspapers (A Província do Pará, Jornal do Dia, and O Liberal) that circulated in the capital of Pará, in the middle of the 20th century. In these parts, an urban dynamic was identified in which recreational and social experiences stood out, marked by strong police surveillance, and which, through complaints or negative representations about those locations, became constant, inhibiting and monitoring the experiences of these subjects. The multiple ways of living in those areas, as well as perceiving them, expressed through the relationships that were established daily and often brought together or distanced those who passed through there, allowing them to be seen as a founding part of a festive culture in Belém, a culture that, throughout that time, was of interest not only to suburban residents but also to people who identified with it.

KEYWORDS: Belém do Pará; Carnival; Suburb.

Introdução

A temática das festas, sobretudo as de caráter popular desdobradas no âmbito acadêmico,¹ em análises de grande importância frente a uma amplitude de debates que, por

* Doutor em História pela Universidade Federal do Pará. Professor de História do Ensino Fundamental e Médio no Colégio Dom Mário. Desenvolve pesquisa no campo da Cultura de Massa e Cultura Popular na Amazônia.

¹ No Brasil, embora por muito tempo a temática das festas fosse tida enquanto “irrelevante” às discussões nas ciências humanas, onde, como sugere Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), as atenções giravam entorno das grandes celebrações (cívicas e/ou datas significativas para a história da Nação), uma reviravolta, em relação a esse objeto de estudo, é percebida a partir da segunda metade do século passado, mais precisamente nos anos de 1970, quando cientistas sociais e, depois historiadores, direcionam suas atenções para aspectos reveladores daquilo que também constituem o país. Exemplo disso, são as produções realizadas por Roberto DaMatta, Maria Auxiliadora Guzo de Decca, João José Reis, Mary Del Priore, José Guilherme Cantor Magnani, Margareth Rago,

vezes, desaguam para além dos muros da universidade, envolvem, ao longo do tempo, diferentes sujeitos que viviam ou transitavam em variados espaços e temporalidades históricas de Belém do Pará. Elas sempre estiveram associadas aos comportamentos lúdicos e de sociabilidades, bem como aos atos de transgressão e confronto às ordens estabelecidas, sendo vistas aqui enquanto meios de expressão social que traziam à tona a vida lúdica – mediante as danças, as músicas, as bebidas, os encontros e outros meios de entretenimentos.

Nesse sentido, o artigo em questão aborda as práticas de sociabilidades e de lazer estabelecidas em espaços de festas localizados no subúrbio da cidade, em especial naqueles situados nas margens do rio Guamá (Guamá, Condor e Jurunas) durante os eventos carnavalescos que ocorriam anualmente na capital paraense, por intermédio das referências jornalísticas publicadas nas páginas dos impressos que circularam na cidade no meio do século XX. Nesse sentido, é dado destaque às diversas experiências partilhadas por pessoas daquelas regiões e que, mesmo diante da forte vigilância e ação policial, elaboraram estratégias, comportamentos, linguagens, códigos e relações sociais próprias.

Belém do Pará: Espaço urbano e paisagem festiva na metade do século XX

Dentre os principais festejos populares realizados e vividos por significativa parcela da população belenense, encontram-se as festas do Carnaval. Desde muito tempo, essas experiências festivas fazem parte dos momentos de lazer de pessoas que viviam pelos mais variados espaços da capital paraense, estando elas situadas no subúrbio ou nas áreas centrais da *urbe*.

Dentre esses bairros suburbanos, três se destacam às margens do rio Guamá (Guamá, Condor e Jurunas), percebidos e vivenciados por seus moradores de maneiras diversas. Esses bairros podem ser compreendidos como espaços de trocas – materiais e/ou simbólicas – por serem lugares de circulação de sujeitos, provenientes ou não dessas paragens, que trazem consigo saberes, capitais – simbólicos e sociais –, inovações e criatividade.

Mesmo noticiados pela imprensa local e percebidos por parcela da população belenense como espaços violentos e de grande periculosidade, o Guamá, a Condor e o Jurunas

Martha Campos Abreu, Maria Clementina Pereira Cunha, entre outros. Para melhor compreender acerca dessas questões, ver: Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011); Maria Manuela Ramos de Souza e Silva (2000).

são bairros nos quais pode ser percebida uma vida cultural ativa, tendo as festas – datadas ou não – ganhado cada vez mais destaque. Naquele contexto, um amplo circuito de lazer e sociabilidade envolviam os bairros em questão, promovido nas ruas, bares, sedes e clubes que se encontravam por essas imediações. Essas experiências, por diversas vezes, acionavam uma rede de sujeitos que estavam diariamente conectados (familiares, amigos, vizinhos, chegados), extrapolando as teias sociais criadas pelos próprios moradores de cada um desses espaços.

Nessas áreas próximas à beira do rio Guamá, grande eram os números de espaços dançantes como, por exemplo, os clubes que estavam geralmente ligados às práticas desportivas, assim como a outras atividades sociais, sendo essas de caráter beneficente. Havia também aqueles que objetivavam promover a divulgação e a manutenção do que era percebido, por seus diretores e associados, como componentes da cultura regional, “é o caso dos grupos que saem às ruas com os seus ‘bois’, sempre acompanhados por uma quantidade razoável de pessoas de vários matizes, homens, mulheres e crianças. Por vezes, o batuque se prolonga durante tôda a noite” (PENTEADO, 1968, p. 313).

Diferentemente do que aponta o geógrafo Antônio Rocha Penteado (1968), quando o afirma que entre os anos de 1950 e 1960 essa valorização do folclore, em conjunto com os bailes carnavalescos, eram “as poucas distrações encontradas pela população local” (PENTEADO, 1968, p. 313), esses bairros, no final da primeira metade do século XX e nos demais anos posteriores àqueles de 1940, tinham um amplo circuito de festas. Exemplo disso são as notícias de brigas nos espaços de lazer e sociabilidade dessas localidades, tal qual os convites de eventos festivos que circulavam, quase que diariamente, nas folhas de jornais de Belém do Pará no período em questão.

Dentre esses espaços de lazer e sociabilidade espalhados pelo Guamá, Condor e Jurunas, destacam-se aqueles que, até os dias de hoje, compõem as opções de lazer dos moradores desses arrabaldes, bem como de sujeitos que se direcionam de outros bairros para essas imediações.

Muitos desses espaços de diversão, espalhados pelos bairros suburbanos, localizados nas margens do Guamá, foram fundados antes mesmo dos anos de 1940. Dentre eles, existe aquele inaugurado no ano de 1915, em uma das principais vias do bairro do Jurunas: o São Domingos Esporte Clube. Além desse, temos ainda, em funcionamento, a sede de festa do

“Leão Jurunense”, mais conhecido como Imperial Esporte Clube, situado na Avenida Fernando Guilhon, antiga rua Conceição.

Nas proximidades desses dois *loci* de práticas esportivas e de lazer, encontra-se o Rancho Não Posso Me Amofiná, barracão carnavalesco de uma das principais escolas de Sambas do Jurunas e que, a cada ano, vem abrilhantando o carnaval paraense e se destacando, frente as matérias jornalísticas, entre as demais agremiações carnavalescas de Belém.

Tomando os caminhos do Jurunas em direção ao rio, chegamos ao bairro da Condor, mais precisamente à Praça Princesa Isabel, na qual se localiza o afamado Palácio dos Bares. Esse espaço de festa, assim como os demais citados, continua em funcionamento e foi responsável por revelar, desde os anos de 1950, nome de sujeitos sociais (artistas, animadores, festeiros etc.) no cenário festivo de Belém.

Além desses ambientes de lazer e sociabilidade apontados acima, outros, com menos destaques nas folhas de jornais de Belém, também compõe a opção de diversão dos moradores desse subúrbio e de outros sujeitos que para eles se direcionavam na busca dos prazeres proporcionados por esses espaços.²

Tais espaços de festas tiveram intensa relação com o mercado de entretenimento que se desenvolvia em Belém do Pará nos finais dos anos de 1940 e início dos anos de 1950, sendo, muitas vezes, “capitaneados pelas apresentações das, assim chamadas pela imprensa da época, ‘picarpes’ ou ‘sonoros’, antepassados das atuais aparelhagens” (COSTA, 2015, p. 28).

Diferente dos conjuntos musicais que tinham destaques nas festas realizadas nos clubes “aristocráticos” da capital, as “picarpes” tinham presenças acentuadas, animando os eventos festivos realizados em clubes suburbanos ou em festejos de ruas localizadas nas áreas afastadas do centro. É importante deixar claro que a presença desses aparelhos sonoros não

² Alguns desses clubes, casas de festas, bares e sedes, cujos bairros foram indicados em notas de jornais dos anos de 1940, 1950 e 1960 seguem aqui listados: Flutuante Vitória (Jurunas), Imparcial E. Clube (Jurunas), Oratório Festivo do Jurunas (Jurunas), Baiúca [Os jornais da época falam também em “currais” ou “teatro”] do Bumbá “Pai do Campo” (Jurunas), Sociedade União Firmeza (Jurunas), Atlético Clube Guarani (Jurunas), São Miguel Esporte Clube (Jurunas), Caripunas Clube (Jurunas), Rancho Esporte Clube (Guamá), Silva Castro E. Clube (Guamá), Esporte Clube Guamá (Guamá), Ipanema Bar (Guamá), Bar Leão Azul (Guamá), Sociedade Beneficente Santíssima Trindade (Guamá), Radional Esporte Clube (Condor), Associação Atlético Radional (Condor), Iate Clube (Condor). A diversidade desses espaços de lazer e sociabilidades, na margem da cidade, reforça a importância das práticas festivas para aqueles que nela viviam e/ou transitavam.

se limitava apenas aos espaços localizados no subúrbio de Belém, embora sua presença tivesse destaque nesses ambientes, como foi anunciado no jornal *O Liberal*, de junho de 1953.

“SANTO ANTONIO NA ROÇA”

Realiza-se hoje à noite, uma festa dançante na sede do Clube Atlético Relampago, “Santo Antonio na Roça”, à travessa Caldeira Castelo Branco, nº. 1122, canto com a rua Silva Castro (bairro do Guamá), ao som do afamado “Sonoro Barnabé”, de propriedade de D. Corrêa e irmão (Jornal *O Liberal*, 12/06/1953, p. 04).

Essas “picarpes” e os sonoros, sinônimos do sistema de som capaz de se deslocar para diversos espaços de festas, segundo Costa & Gomes (2011) desde os finais dos anos 1940, vinham se tornando marcas registradas nas festas dançantes do subúrbio de Belém. O sistema de som era montado de forma artesanal por pessoas com conhecimento de eletrônica. Eram instalados um amplificador de metal e válvula, uma caixa de som pequena, projetor sonoro, conhecido como “boca – de – ferro” e um toca-discos de 78 rotações (a pick-up).

Esses aparelhos de som, de proprietários oriundos precipuamente do subúrbio da cidade, em um primeiro momento, estiveram associados principalmente a eventos de aniversário, casamentos ou festas de vizinhança. A partir da sua popularização, ampliaram-se as contratações para outros eventos festivos, em especial os bailes dançantes realizados nos clubes da cidade, sobretudo naqueles situados nos bairros suburbanos.

Talvez, o fato dos donos dos sonoros viverem no subúrbio, da mesma maneira que os locutores titulares desses aparelhos, os quais muitos eram naturais de municípios ou localidades rurais do interior do estado do Pará ou até mesmo de estados próximos como o Maranhão ou o Amazonas, explique a forte presença deles nos clubes e nos espaços dançantes localizados em bairros afastados do centro da capital paraense. Como observa Antonio Maurício Costa (2012), esses sonoros tiveram uma importância grandiosa relacionada à ocorrência das festas em Belém, tendo em vista “não assumir uma posição complementar ao rádio, mas sim ocupar um espaço particular como meio de comunicação ligado a ocorrência de eventos festivos” (COSTA, 2012, p. 386).

Os finais dos anos de 1940 e início dos anos de 1950 foram marcados por diversas transformações no meio urbano belenense, como, por exemplo, o intenso processo de migração de sujeitos advindos de espaços rurais, situados nas proximidades da capital paraense, a divulgação em larga escala de diferentes ritmos musicais e de apelo popular,

sendo esses transmitidos via rádio e, também, o período de grande expansão do meio de comunicação de massa, em especial a radiofônica.

Nesse período, em Belém, era comum a intensa difusão – por meio de emissoras de rádio, por grupos musicais e pelos sonoros – de ritmos como boleros, salsas, congos, merengues, mambos e cúmbias, sendo apreciados como elementos peculiares nos bailes promovidos nos espaços dançantes da capital, essencialmente nos bairros afastados de centro da cidade.

A música afrolatino-caribenha encontrou nas festas populares realizadas em Belém um lar acolhedor. Logo que caiu no gosto musical da população, a musicalidade afro-latina passa a compor a paisagem musical de Belém dividindo espaço com outros estilos musicais. É importante ressaltar que esta paisagem, de fato marcada pela diversidade, foi o ambiente fértil e possibilitador das hibridizações musicais da música urbana paraense (FARIAS, 2011, p. 247-248).

No entanto, foi desde pelo menos as primeiras décadas do século passado que esses ritmos latinos, ao lado do samba, começaram a fazer parte do dia a dia do povo paraense, pois os programas das estações estrangeiras estavam fortemente associados aos programas de rádio local do período. Isso acontece exatamente na época em que, após o processo de redemocratização, resultante da derrubada do Estado Novo, assiste-se a uma promoção dos meios de comunicação de massa no país e, inclusive, a forte presença do rádio como um meio informativo e de entretenimento associado à indústria cultural nacional.

Sobre isso, Lia Calabre (2002) indica que nos anos de 1940 e 1950 o rádio “assume” um território importantíssimo “para a observação dos fenômenos da valorização do popular e do consumo cultural massivo” (CALABRE, 2002, p. 31). Em paralelo ao cinema, “o rádio foi a base de formação de uma indústria cultural no Brasil” (CALABRE, 2002, p. 260), o que contribuiu significativamente para que sujeitos, não importando seus *status* sociais, fossem vistos, direta ou indiretamente, enquanto grandes consumidores culturais.

Ao distribuir música, o rádio contribuía pra o crescimento da indústria fonográfica, o ouvinte tomava conhecimento de determinada canção e terminava por adquirir o disco. Ao levar para os ouvintes informação, o rádio despertava a curiosidade pela leitura do jornal no dia seguinte, pela compra da revista com reportagens mais detalhadas. Para a diversão havia os programas de “teatro cego” e de humor, que tornavam os artistas conhecidos por todo o país e os ouvintes ávidos por oportunidades de conhecê-los, ainda que fosse através das telas do cinema. Ao mesmo tempo que esse sujeito é um consumidor dos produtos do media rádio as

informações por ele recebidas e que interagem em cada um dos indivíduos de forma particular forma uma esfera de opinião pública. Os indivíduos terão elementos comuns para partilhar com o conjunto da sociedade (CALABRE, 2002, p. 260).

As experiências da vida cotidiana em bairros suburbanos podem ser entendidas também por intermédio das práticas festivas citadinas, sendo essas de grande importância no processo de construção da sociabilidade dos sujeitos pertencentes e/ou que se identificam com esses espaços. Dentre essas experiências, o Carnaval era esperado com grande vigor por àquela parcela da cidade, onde, no interior desse festejo, os sujeitos suburbanos atuavam, frente às aceitações e às exclusões de comportamentos sociais, rompendo com tais paradigmas para afirmarem-se, socialmente, através de agências e resistências postas em prática naqueles logradouros.

Folias carnavalescas na margem da cidade

“Quadra mais alegre do ano”, “Reinado de Momo I”, “Mais alegre de todos os tempos”, “Reinado da Pandegolândia”, “Quadra Momesca”, esses e outros termos se faziam presentes nas páginas de jornais que circulavam em Belém do Pará, em meados do século passado, objetivando referenciar umas das quadras mais esperadas e festivas do ano: o Carnaval. Esse momento de lazer e sociabilidade que, de alguma forma, mobilizava os moradores da cidade – do subúrbio ao centro –, do mesmo modo que mobilizava aqueles que para essas áreas se direcionavam, possibilitava perceber a movimentação dos sujeitos que buscavam expor seus gostos e estilos, além de seus esforços para que acontecessem, de maneira “tranquila” – embora nem sempre ocorresse –, seus bailes, blocos, desfiles e batalhas que, com muito empenho, se dedicavam anualmente.

O universo carnavalesco da Belém do Pará de meados do século XX – como pode ser observado nas diversas denominações dadas a esse momento festivo, tal como nas imagens e charges que circulavam na imprensa local do período – representava, junto com outros eventos datados, ocasiões de grande movimentação, sobretudo nos espaços suburbanos da capital Belém do Pará. O trecho abaixo indicado e retirado da matéria presente no *Jornal A Província do Pará*, de janeiro de 1950, e intitulada de “CARNAVAL: movimentam-se os clubes de nossa sociedade para a quadra carnavalesca do ano em curso”, reforça, ainda mais, a importância dessa prática de lazer e sociabilidade para parcela significativa da sociedade belenense.

Chega o Carnaval com todo o seu contagiante esplendor, tomando conta de tudo e de todos. Mal se iniciou o ano de 1950, tão cheio de esperanças e desejos de felicidade logo o grito alertador de Momo I e Único reboou como o troar de um canhão, ecoando pelos quatro cantos da cidade, chamando todos para o frevo, para a alegria dos salões e das ruas, para as cobrinhas efusiantes, para o tan-tan dos pandeiros e roncões das cuicas, para o chocalhar dos maracás e banhos do tradicional confete. Impera o riso por toda a parte; Rei Momo, com sua sempre risonha e conhecida máscara faz questão de chefiar pessoalmente a pandegolândia em nossa capital, onde sempre se verificou um Carnaval sem exageros, porém carnavalesco até o espírito. Descem dos subúrbios antes desanimados, os primeiros blocos, os primeiros ranchos, as escolas de samba que puxarão o pagode nas ruas, os cordões de mascarados tão do agrado do morador do centro. São realizados os primeiros bailes à fantasia e em diversas residências familiares já o frevo reinou na forma dos conhecidos e pipocantes “assustados”. As sociedades recreativas alertam seus associados para a chegada do Imperador Supremo da Alegria, comandante eterno das cobrinhas e os humildes clubes suburbanos, humildes, porém alegres, celebram a chegada do Carnaval com festas repletas de animação e características da buliçosa quadra (Jornal *A Província do Pará*, 10/01/1950, p. 3).

Ao longo do tempo, sobretudo a partir da terceira década do século passado, o modelo carnavalesco vivenciado pela população local, aos poucos, vai tomando novos rumos. Alfredo Oliveira (2006) sugere que é nesse período, após fundação do Rancho Não Posso Me Amofiná, em 1934, – primeira escola de samba da capital paraense –, que se daria início ao momento mais atraente e espetacular desse festejo popular conhecido como reinado de Momo.

A presença do samba no carnaval paraense de rua parte da fundação do Rancho Não Posso Me Amofiná, graças à iniciativa do operário comunista Raimundo Manito, em 31/1/1934, no bairro do Jurunas. Inclui a consagração de determinados pontos urbanos para a concentração, como o largo da Pólvora (Praça da República), no centro da cidade, e outros logradouros nos bairros, também preferidos pelos foliões. Nesses locais eram realizadas as “batalhas” mais importantes, ocasionando os deslocamentos a pé dos brincantes, que às vezes vinham de longe para disputar as taças e outras premiações. Tais concursos podiam ser patrocinados pela Prefeitura, por jornais de grande circulação, como *O Estado do Pará* e *Folha do Norte*, pela emissora Rádio Clube do Pará, por estabelecimentos comerciais como Lojas Rianil, bares conhecidos, como o Bar Guarani, de Felix Santos, na Praça Brasil (Telegráfo), o Palácio dos Bares, de João de Barros, na Praça Princesa Isabel (Condor), o Pedreira Bar, de Félix Correa, na Pedro Miranda/Mauriti (Pedreira), e ainda o Bar do Zé Gregório (Umarizal), o Sinuca Bar (Telégrafo), o Aldeia Bar (Jurunas), etc. Entre os territórios procurados para as “batalhas” mais dois merecem ser citados: o Bosque Rodrigues Alves, no Marco, e a Aldeia do Rádio, construída pela Rádio Clube do Pará, no Jurunas (OLIVEIRA, 2006, p. 17).

Exemplos disso foram as diversas matérias que circularam na imprensa paraense, de meados do século passado, que abordavam as várias “celebrações momescas” realizadas pelas diversas paragens dessa capital. Em nota, no jornal *A Província do Pará* de 1947, foi apresentada uma informação acerca da homenagem a ser feita a esse jornal, na manhã do dia 10 de fevereiro desse mesmo ano, pelo proprietário do Bar da Condor, João de Barros, localizado na margem do rio Guamá, na Praça Princesa Isabel, no bairro da Condor. A homenagem em questão aconteceu pelo fato desse “matutino” reaparecer dentre os demais jornais que circulavam no país, sugerindo que, anos atrás, esse periódico tinha dado por encerrado suas atividades, voltando à ativa naquele ano. Por ocasião da cortesia a esse jornal, houve a presença da orquestra *Batuta do Ritmo* animando aquela atividade festiva, que “executou as mais novas marchas e sambas, numa espontânea manifestação a *A Província do Pará*”. Além desse, fez-se presente também o *Rancho Escola Mista do Carnaval* com seus cadenciados sambas, “dando, a seguir, vivas ao novo ‘associado’”. Para completar, com êxito, essa data de homenagem, João de Barros ofereceu coquetel àqueles companheiros “augurando, nessa ocasião, os maiores êxitos a este jornal”.³

Com o passar dos anos, os periódicos que circulavam em Belém do Pará, cada vez mais, traziam em suas páginas essas experiências festivas. Foi o caso apresentado no Jornal *O Liberal*, de 1952. Na notícia em questão, que trazia o título de “As escolas de samba descem prá cidade”, pode-se perceber a programação extensa daquele terceiro sábado de carnaval “em meio ao maior entusiasmo do povo”. Segundo a nota central da matéria, as escolas de samba e Belém do Pará estavam “dando os últimos retoques para a apresentação dos seus batuqueiros nas grandes batalhas que estão programadas para os mais diferentes pontos da nossa capital”. Além dessas breves informações, aqui já apresentadas, outras, de significativa importância, foram apontadas, como poder ser observado a seguir.

Aproxima-se o terceiro sábado de carnaval e meio ao maior entusiasmo do povo, estando as escolas de samba dando os últimos retoques para a apresentação dos seus batuqueiros nas grandes batalhas que estão programadas para os mais diferentes pontos da nossa capital.

Domingo será um dia cheio para o bairro do Telégrafo Sem Fio, quando serão realizadas suas monumentais batalhas de confeti. Uma, promovida pelo bar “Luso Brasileiro”, sob a direção de Amazonas Tapajós e outra no “Sinuca Bar”, sob o patrocínio de casas comerciais do bairro e tendo a orientá-la o locutor Silva Sobrinho, um dos animadores do carnaval no populoso bairro.

³ Tendo em vista acompanhar, na íntegra, a matéria em questão, ver: Jornal *A Província do Pará*. CARNAVAL dos dias 09 e 11 de fev. de 1947 páginas 5 e 2 (respectivamente).

Na grande batalha do “Sinuca Bar”, atendendo a um gentil convite, estará presente a escola de Samba “Não Posso Me Amofiná” em sua primeira apresentação aos moradores do bairro do Telégrafo, com toda a sua grande equipe de sambistas.

A Pedreira também viverá horas de grande animação, com as duas monumentais batalhas que ali serão levadas a efeito, sob o patrocínio do Pedreira Var e Canto da Felicidade. Na Condor teremos a repetição dos sucessos de domingo passado, com mais uma batalha no Marajoara Bar, tendo à frente o dinâmico João de Barros. Desse modo ao que tudo indica o domingo vindouro será mais um maravilhoso dia do reinado de S. M. Rei Momo – DOMINO’ NEGRO (Jornal *O Liberal*, 08/02/1952, p. 4).

Em relação ao Marajoara Bar, localizado no bairro da Condor, na matéria em questão, foi informado que naquele espaço iria ser efetuada uma “monumental batalha de confeti” com participação de “todas as escolas de samba, blocos, ranchos, maracatus, mascarados e todos os folixes”, sendo reservados, para aquele momento, “lindos troféus e prêmios em dinheiro que serão entregues aos vencedores na monstruosa concentração carnavalesca” promovida por João de Barros, na terça-feira gorda (dia 26), na praça que abriga seu bar: a Princesa Isabel. Para esse dia gordo de carnaval, “o mulato” (João de Barros) mandou armar um enorme palanque no qual se apresentaram as orquestras *Universal* e *Martelo de Ouro* responsáveis por animar os “blocos, ranchos, escolas de samba, carros alegóricos, mascarados e todos os foliões da praça” (Jornal *O Liberal*, 08/02/1952, p. 4).

Localizado do lado oposto ao Bar da Condor, o Marajoara Bar, à semelhança dos demais espaços de lazer e sociabilidades espalhados por aquelas imediações, tradicionalmente promoviam “batalhas de confete durante o carnaval”, principalmente na Praça Princesa Isabel (LAREDO, 2003, p. 148). Diante do que foi informado acima, parecia haver uma culminância, de preferência nos dias finais de celebração da quadra carnavalesca, na qual, ainda que estivesse em destaque a figura de João de Barros, participavam de sua organização os donos e representantes de bares e sedes estabelecidos naquelas proximidades.

Na Praça Princesa Isabel apresentavam-se para numeroso público, notadamente formado pelas famílias das adjacências, os seguintes: Rancho Carnavalesco Não Posso Me Amofiná, Tomara que Chova, Boêmios do Campinas, Usinense, Bate Prego – Piratas da Cremação e muitos outros (LAREDO, 2003, p. 149).

Apesar de o bairro da Condor, acima de tudo as imediações em que se encontrava o Bar que trazia o nome daquele logradouro, se destacar nas notícias referentes a esse

momento de lazer e sociabilidade, outros espaços de festas como aqueles situados no bairro do Jurunas e Guamá apareciam geralmente em notas e convites, atraindo presença significativa de um público que corriqueiramente transitava por essas cercanias. Foi o caso da notícia presente no jornal *O Liberal*, de 10 de janeiro de 1951, na qual, em tom de informar sobre as festas que iriam ocorrer naqueles bairros e convidar os associados e o público em geral para uma “retumbante festa dançante”, o chamado “Grito de Carnaval de 1951” do Imperial E. Clube, situado no bairro do Jurunas, fez-se acontecer.

Na festa em questão, visando alcançar “completo êxito dessa noitada em homenagem a S. M, Rei Momo”, os responsáveis por organizar aquela “soirée dançante”, ou seja, a “diretoria imperialista”, não pouparam esforços. Para isso, contrataram “um dos melhores jazz-orquestra da cidade, que marcará a cadencia para os delírios das animadas cobrinhas em evolução pelos seus salões ornamentados de acordo com a época” (Jornal *O Liberal*, 10/01/1951, p. 02).

Os dias se seguiram e outras animadas festas “momenscas” foram organizadas nesse estabelecimento, marcando o início de “um vastíssimo programa carnavalesco”. A programação em questão, composta de “soirée”, “assustados” e “vesperais” estava estruturada da seguinte forma:

PROGRAMA CARNAVALESCO ORGANIZADO PELO IMPERIAL E. CLUBE

Todas estas festas terão o concurso do jazz “Internacional”

Dia 14 – Domingo – Soirée

Dia 23 – Terça-feira – Assustado

Dia 28 – Domingo Magro – Vespéral infantil seguido de soirée

Dia 30 – Terça-feira – Assustado

Dia 5 – Segunda-feira Gorda – Soirée encerrando o programa carnavalesco deste clube (Jornal *O Liberal*, 12/01/1951, p. 02).

Algumas memórias sobre o carnaval na Belém de meados do século XX nos contam que os organizadores desses eventos iniciavam suas preparações, de maneira acentuada, no final do segundo semestre do ano que o antecedia. Não à toa, os jornais que circulavam na cidade, nos dias finais do ano corrente, apresentavam notícias e cronograma festivo no qual os primeiros gritos de carnaval disputavam espaços com aqueles referentes às festas natalinas e de réveillon prestes a acontecer no meio urbano, “um atraente caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, do imaginário, dos comportamentos e gestos” (ABREU, 1996, p. 14) presentes naquelas experiências festivas.

Ao descrever os primeiros gritos de carnaval que ocorriam na cidade (do subúrbio ao centro da mesma), esses “matinais” indicam que a participação dos populares, nos recintos que se encontravam, era alegre e de ordem estabelecida. Segundo o jornal *A Província do Pará*, de janeiro de 1950, “Toda cidade festejou a entrada de Ano Novo com vibrante alegria nos clubes, depois de passados os primeiros minutos da meia noite”. Seguido dos cumprimentos e felicitações referentes à chegada daquele novo ano, a animação festiva, na presença de jazzes orquestras, era garantida. Essas, “executaram as primeiras audições do carnaval de 1950, emprestando mais vibração ainda ao ambiente” (*Jornal A Província do Pará*, 03/01/1950, p. 5).

Passados os primeiros dias do ano, intensificava-se a ânsia dos festeiros, carnavalescos e brincantes pela chegada do “reinado de Momo”, bem como a organização dos espaços de festas, espalhados pela cidade, que haveriam de ser visitados por muitos naquele período de folia. Aqueles localizados em áreas centrais da capital paraense, chamados pela imprensa local de “clubes aristocráticos” geralmente abriam seus espaços para seus associados e familiares; já aqueles espalhados nas áreas “afastadas” do centro da cidade eram apontados pelos jornais que circulavam no estado como “clubes de subúrbio” e alcançavam um grupo que ia além daquele formado por sócios e parentelas.

Matérias diárias com títulos destacando os movimentos e organizações das sedes, clubes, agremiações e demais espaços de lazer e sociabilidade para a chegada da quadra carnavalesca eram apresentadas ao público leitor. Cabeçalhos das notícias, referente ao Carnaval belenense de meados do século XX, por exemplo, “Movimentam-se os clubes de nossa sociedade para a quadra carnavalesca do ano em curso” (*Jornal A Província do Pará*, 10/01/1950, p. 3), “Expectativa geral em torno da chegada do imperador supremo da quadra folionica” (*Jornal A Província do Pará*, 18/01/1950, p. 5), “Entusiasmo da parte dos foliões para as festas carnavalescas de sabado proximo” (*Jornal A Província do Pará*, 20/01/1950, p. 5), “Belém aguarda com indizível entusiasmo a chegada do imperador da pandegolandia” (*Jornal A Província do Pará*, 01/02/1950, p. 3), entre outros, acentuavam ainda mais o desejo daqueles que tinham contato com as notas, convites e outras informações acerca das “festas momescas”, que convidavam o povo a se aglomerar “para assistir os folguedos em homenagem ao Imperador da Fuzarca” (*Jornal A Província do Pará*, 05/02/1950, p. 6).

Assim, as notícias referentes ao universo carnavalesco local indicam que, nesse meado de século, o carnaval belenense se ampliou e se diversificou na medida em que ocorria significativa expansão da ocupação urbana, de modo precípua naquelas áreas chamadas de suburbanas. As diversas informações, presentes na imprensa local, acerca das organizações e do ápice da festa mostravam que aqueles que tomavam contato com tais textos já, há um tempo, vinham se preparando e se organizando para vivenciar “saltitando nos meandros infernais das tentadoras cobrinhas, cantando e sacudindo guizos dentro da noite alegre, para maior êxtase do inconfundível Rei da Folia” (Jornal *O Liberal*, 13/01/1951, p. 2).

Da “pandegolândia” ao controle social na beira do rio Guamá

Moradores do subúrbio belenense, “onde justamente não chega o confôrto do asfalto e em que a miséria se realiza mais inexorável” (Jornal *do Dia*, 17/01/1962, p. 1), em dias de festas, pareciam não se deixarem abater por esses problemas urbanos. No “Reinado de Momo I”, residentes ou não daqueles espaços, saíam às ruas e se permitiam viver, mesmo que momentaneamente, as alegrias proporcionadas nos ambientes de lazer e sociabilidade espalhados pela cidade, onde “todos tomam parte. São crianças, adultos, velhos e moços; todos prestam suas vassalagens a Momo I” (Jornal *do Dia*, 27/01/1962, p. 1).

Diante das opções de lazer existentes na cidade de Belém do Pará é comum identificar na imprensa local, como já citado anteriormente, uma diversidade de bares, sedes, clubes, baiucas, gafieiras, entre outras. Esses, e particularmente aqueles estabelecidos em espaços “distantes” do centro, chamavam atenção não só de brincantes e ou de transeuntes⁴ curiosos que por essas imediações transitavam, mas, também, da imprensa local, que reforçava a imagem de um espaço de grande periculosidade e sem ordem estabelecida. Assim, os meios

⁴ Frente às discussões realizadas por Fraya Frehse, essa categoria representa os sujeitos (“homens”, “mulheres”, “crianças”, “negro ou branco”, “rico ou pobre”) diante dos rápidos momentos em que transitam pela *urbe*, sobretudo a pé “por ruas cada vez mais cheias de outros transeuntes, e marcadas pelo caráter de mero local de passagem que distingue esse espaço no mundo moderno”. Além disso, como sugere Frehse, diante da análise da obra “Notas de Viagem” do carioca Firmo de Albuquerque Diniz, de pseudônimo “Junius”, onde esse narrador é encarado, pela autora, como “mais ou menos diretamente o transeunte – ou aquele que faz o transeunte no universo europeu: circular pelo espaço urbano de maneira fugaz, usando, nesses momentos, a rua como mediação espacial fundamental para o sentido que dá a suas ações e relações”. Portanto, frente a ideia geral sobre essa categoria social e compactuando com o que foi sugerido por Fraya Frehse, o transeunte é uma personagem em trânsito, ou seja, aquele que, por definição, “se localiza em uma situação transitória entre os espaços da casa e da rua, estranhando, por tanto, ambos”. Ver: Fraya Frehse (2005).

de comunicação apresentavam, sempre que possível, em suas narrativas, discursos de ordem social, enfatizando aspectos morais e comportamentais à época.

Em crônica publicada no jornal *A Província do Pará*, do ano de 1950, pode ser identificada, por vários momentos, a visão carregada de estereótipos acerca daqueles espaços, assim como dos moradores que lá habitavam. Nesse sentido, observa-se que, ao mesmo tempo em que muitos redatores da imprensa local discursavam em seus textos uma suposta tolerância para com os moradores do subúrbio belenense, outros faziam longas especulações referentes à índole dos sujeitos suburbanos (*Jornal A Província do Pará*, 06/01/1950, p. 2). Esses trabalhadores da imprensa, também vistos aqui como formadores de opiniões, serviam “como termômetro de equilíbrio dos desajustes sociais [...] em uma sociedade coberta de recalques morais” (DIAS JÚNIOR, 2021, p. 219).

Mas, isso não era suficiente para desanimar os suburbanos nos dias de folia. Diariamente, especialmente aos fins de semana, poderiam ser vistos muitos desses sujeitos (crianças, jovens, adultos e idosos) saírem às ruas, ora fantasiados ora não, em direção aos estabelecimentos que prometiam, quase sempre, êxitos nas *matinês*, *vespertinas* e *soirées* dançantes promovidas em homenagem ao “maior Rei depôs da girafa” (*Jornal O Liberal*, 05/01/1951, p. 2).

Em um dos textos sobre “o reino da Pandegolandia”, publicado no jornal *O Liberal*, de 04 de fevereiro de 1954, nota-se essa diversidade social que se fazia presente “em todos os cantos e recantos de nossa Belém”. Para receber aquele número significativo de brincantes do carnaval, era necessário, na perspectiva dos organizadores/promotores de festas, colocar em prática “as mais airosas ornamentações”. Naquele “reinado”, segundo a matéria em questão, “infalivelmente não haverá distinção de idade: brotos, velhos, moços e balzaqueanos irão cantar, dançar e pular as mais recentes modinhas de nosso repertório carnavalesco” (*Jornal O Liberal*, 04/02/1954, p. 3).

Se por um lado vemos a alegria dos brincantes nas ruas, sedes, clubes, baiucas, praças e demais estabelecimentos de diversão, durante o período carnavalesco, por outro, podemos indicar a forte presença da segurança pública, na figura de seus agentes, proporcionando segurança à alguns que por essas imediações se faziam presentes, mas também intimidando outros, além de obstruir a chegada desses aos demais espaços de lazer presentes por aqueles locais, reforçando a ideia defendida por Maria Clementina Pereira da Cunha (1996) de que

embora fosse uma festa “generalizada”, onde poderiam ser vistos grupos distintos dela participando, “não [era] necessariamente um ritual homogêneo em seus significados [...] foi sempre o meio de expressão de uma sociedade dilacerada” (CUNHA, 1996, p. 98). Diversas ações de derrubada/retirada, sobretudo de bares e baiucas, nos bairros suburbanos de Belém, justificadas em discursos de urbanização e saneamento daquela parcela da cidade, também reforçavam a presença desse segmento público por aquelas imediações, onde agiam, por vezes, de modo violento e intimidador.

É importante destacar que esses atos de violência, obstrução e derrubada dos estabelecimentos situados no subúrbio, os quais se faziam presentes agentes de segurança pública, não era de exclusividade do processo de expansão e higienização dessa margem de Belém do Pará. Quando se tratava de festas, em destaque aquelas com evidência no meio urbano, intensificavam-se as ações policiais por aquelas imediações.

Notícias da imprensa enfatizavam, especialmente em espaços reservados às matérias de cunho policial, as denúncias e os conflitos que, eventualmente, desestimulavam aqueles que, por um tempo, esperavam ansiosos os bailes a serem realizados naqueles locais. Tais informações reforçavam a imagem negativa do subúrbio belenense e de seus moradores, que, de alguma maneira, influenciavam nos tipos de ações executadas pela Segurança Pública em dias de festa.

Foi o caso apresentado na imprensa local acerca de uma denúncia feita por um “chefe de família em nome dos moradores do bairro da Condor”. Nela, está registrada a insatisfação dos moradores da Travessa Padre Eutíquio, esquina com a Estrada Nova, diante da “intranquilidade que causa o funcionamento de uma gafieira denominada ‘Jararaca’, onde também funciona uma agremiação política”. Segundo a notícia, os moradores daquele arredor só conseguiram dormir por volta das 4 horas da madrugada, quando os festejos promovidos naquele recinto findaram “com cadeiradas e gritaria de embriagados, misturada com sons altíssimos de seus alto-falantes, pondo em pânico os moradores deste bairro, em verdadeiro desrespeito à tranquilidade e à moral”.

sendo mais que em tal agremiação há uma “nêga” chamada Anita, que se embriaga contumazmente e pronuncia toda a classe de improperios, fazendo, senhor redator, verdadeira zona do meretrício de nosso bairro (Jornal *O Liberal*, 13/02/1953, p. 2).

A expressão “nêga”, utilizada pelo redator, para se referir àquela que, ocasionalmente, ao finalizar os eventos naquele espaço se portava de maneira violenta por conta do uso exagerado de bebidas alcoólicas, o que reforça o preconceito racial e social presente nos discursos de funcionários da imprensa local em relação àqueles que viviam às margens da cidade. O morador daquele trecho de Belém, em posição rebaixada, frente às referências do jornalista, enquadra-se dentro de um mecanismo de depreciação dos suburbanos no universo social belenense e que, diante de tal depreciação, precisou “dialogar e enfrentar constantemente narrativas e discursos elaborados pela imprensa e pela polícia” (BRASIL, 2016, p. 283) local, sejam por meio de conflitos diretos ou por estratégias que burlavam códigos e decretos estipulados pela Secretaria de Segurança Pública naquele contexto.

Como observa Janaina Damasceno (2008), tais estereótipos reduzem, naturalizam e fixam a natureza do outro, ao mesmo tempo em que buscam estabelecer a ordem social e simbólica da sociedade, através do poder que pode ser econômico, de coerção física, mas também o simbólico, por meio das representações, enquadrando o etnocentrismo como um dos modos desse poder. Essas representações encontram-se alinhadas às ideias defendidas por Frantz Fanon (1983) quando sugere que o problema do negro, para o homem branco, está relacionado ao fato de ser negro. Assim sendo, por muito tempo, foram as projeções dos homens brancos que determinaram, mediante a palavra e imagens, onde os negros deveriam permanecer e como deveriam existir.

Denúncia como a citada anteriormente, tomou a coluna policial do *Jornal do Dia* de 09 de janeiro de 1962. Intitulada de “Boêmios usam armas na falta de policiamento”, a nota jornalística ressaltava uma série de irregularidades presentes em uma sede situada no bairro do Jurunas: o São Domingos Esporte Clube. De grande popularidade, a sede em questão, geralmente aos finais de semana, realizava festas dançantes que atraíam significativo número de pessoas, fossem daquele bairro ou não. Na ocasião de um baile dançante, realizado naquele clube desportivo, houve denúncia ao jornal em questão, informando a ausência de policiamento, o que facilitava o trânsito de sujeitos de má índole portando armamentos de todos os tipos.

Nossos informantes solicitam por intermédio do JD [Jornal do Dia] que seja providenciado um policiamento severo para aquele local, ao menos durante a época carnavalesca, onde serão realizadas festas nos dias de semana, o que

causa receio aos moradores daquele perímetro (*Jornal do Dia*, 09/01/1962, p. 3).

Buscando averiguar as informações recebidas pelos denunciantes, acerca das festas organizadas no clube São Domingos, redatores daquele jornal, assim que puderam, entraram em contato com representantes da Segurança Pública daquele bairro e foram informados, por meio de documentos oficiais, a não veracidade daquelas informações.

A reportagem policial de JD divulgou, na edição do dia 9 passado, informações de que nas festas comumente realizadas na sede do São Domingos Esporte Clube (bairro do Jurunas) havia confusão frequentes, motivadas pela ausência de policiamento. Segundo os informantes, até armas eram expostas em pleno salão. Foi feito, por fim, um apêlo, por intermédio de JD, às autoridades policiais, sentido de fiscalizarem severamente o local durante a época carnavalesca.

JD recebeu ontem, a propósito do assunto, cópia autêntica de uma certidão assinada pelo sr. Abílio Jaime do Nascimento, comissário do Jurunas, na qual atesta não constar, nos mais recentes livros de ocorrências verificadas no referido distrito, nenhum fato porventura ocorrido na sede do clube jurunense (*Jornal do Dia*, 12/01/1962, p. 6).

Por ser caracterizado enquanto reunião ampla, com a presença de segmentos diversos da sociedade belenense, o Carnaval, principalmente o suburbano, o qual concentrava a maior parte de batuque na cidade e onde a presença da Segurança Pública se fazia com maior expressão, era, junto com outros momentos festivos, ocasião propícia para se colocar em prática a fiscalização diante de posturas e comportamentos exigidos à época, onde “uma surda disputa se desenrolava entre as práticas populares habituais e uma concepção homogeneizadora que ganha corpo” (CUNHA, 1996, p. 97) naquele contexto. Por mais que setores do poder público, em especial da Segurança Pública local, oscilassem entre a tolerância e a repressão, influenciadas por discursos presentes na imprensa local, passavam a expressar fiscalização exacerbada frente aos momentos de lazer experimentados naqueles logradouros – por intermédio de códigos de posturas e de atitudes para com os moradores daqueles bairros.

Era o caso, em especial, das portarias baixadas pelo Departamento de Segurança Pública do Estado do Pará “contra os máus elementos da quadra do Rei Momo”. É sobre isso que a notícia subintitulada de “Mascarados Indecorosos” centrava seus argumentos diante de

informações recebidas pelos redatores acerca dos decretos recomendados naquele momento.

Há uma medida a ser tomada pelo nosso chefe de Polícia antes do início do Carnaval de rua em nossa capital. Lançamos a sugestão certos de que encontrará eco entre as autoridades policiais e convictos de que a proibição de determinados exageros durante a quadra Momo corresponde aos anseios da população que deseja brincar dentro de certas normas de decência e moralidade. Referimo-nos aos mascarados sem compostura que lotam as praças públicas nos dias de concentração carnavalescas e batalhas de confeti exibindo trajes que a moral condena, com cartazes pornográficos colados às costas e vocabulário de esgoto que somente um completo estado de embriaguez alcoólica justificaria. Existem deles às dezenas: nos subúrbios, nas avenidas, no centro. Praticam seus exageros certos de não sofrerem punições da parte dos guardas, investigadores e comissários designados às dezenas para um policiamento severo nas batalhas de confeti. Chacoteiam as pessoas que passam: fazem questão de se exhibir em poses escandalosas e que, como diria o vulgo, fariam corar um frade de pedra. São os tais marmanjos de praça pública sem ocupação definida e que, aproveitando a quadra buliçosa do Carnaval praticam atos dignos de um xadrez distrital. Cometeríamos uma injustiça se não afirmássemos que sempre a Polícia procurou reprimir tais abusos. Carnaval não quer dizer falta de compostura. Mas, com o número relativamente enorme de mascarados indecentes e dada a alegria que se apossa de todos durante uma batalha de confeti, muitos deles são impunes, continuando por aí a praticar seus atos indecorosos, exibindo as vestes condenadas até numa praia de banho. Estamos certos de que o dr. Pereira Brasil, que tão bem vem se conduzindo à frente do Departamento de Segurança Pública encare com disposição esse nosso brado de alerta contra os máus elementos da quadra do Rei Momo. Brincar o Carnaval é uma cousa, porém, saber brincar é outra muito diferente (Jornal *A Província do Pará*, 14/01/1950, p. 5).

As diversas formas de intervir junto às práticas e hábitos da população suburbana belenense, por parte das autoridades locais, dialogam com o estabelecimento de um modelo de vida que se pautava na disciplina, na moral e na ordem. Os participantes das festas populares correspondiam a essas exigências das autoridades de segurança pública, mas que também, em certas ocasiões propícias, podiam burlá-las, às vezes, com a conivência de certos policiais ou outras autoridades, numa espécie de troca de interesses, de modo a garantir o funcionamento de um espaço de festa num horário para além do que estava determinado ou para ocupar espaços públicos até então proibidos, ou mesmo para permitir-se o uso de certas fantasias ou indumentárias não toleradas nas denúncias de jornal.

Isso permitia que a população pudesse garantir, perante a presença e a ações da Segurança Pública, um espaço autônomo. Tais comportamentos garantiriam que os

brincantes pudessem vivenciar suas práticas de lazer e sociabilidade de maneira mais agradável, as quais eram também tidas por eles enquanto momento de liberação e de expressão popular, de tal forma que passam a ser percebidas como certa quebra de condutas padronizadas e que, por diversas vezes, eram reforçadas na imprensa local do período.

Diante da expansão populacional dos bairros suburbanos, durante a época carnavalesca, principalmente em espaços que garantiam uma ampla relação de convívio e de sociabilidade e, de certa forma, proporcionavam aos brincantes a possibilidade de elaboração de uma ampla rede de relações sociais e de lazer frente aos diferentes grupos que por ali passavam, somando-se aos diversos empecilhos encontrados ao longo da jornada e da construção de um carnaval multifacetado, a festa em homenagem à “Momo I” permanecia.

FONTES

Jornal A Província do Pará, 03/01/1950, p. 5.

Jornal A Província do Pará, 06/01/1950, p. 2.

Jornal A Província do Pará, 10/01/1950, p. 3.

Jornal A Província do Pará, 14/01/1950, p. 5.

Jornal A Província do Pará, 18/01/1950, p. 5.

Jornal A Província do Pará, 20/01/1950, p. 5.

Jornal A Província do Pará, 01/02/1950, p. 3.

Jornal A Província do Pará, 05/02/1950, p. 6.

Jornal do Dia, 09/01/1962, p. 3.

Jornal do Dia, 12/01/1962, p. 6.

Jornal do Dia, 17/01/1962, p. 1.

Jornal do Dia, 27/01/1962, p. 1.

Jornal O Liberal, 05/01/1951, p. 2.

Jornal O Liberal, 10/01/1951, p. 02.

Jornal O Liberal, 12/01/1951, p. 02.

Jornal O Liberal, 13/01/1951, p. 2.

Jornal O Liberal, 08/02/1952, p. 4.

Jornal *O Liberal*, 12/06/1953, p. 04.

Jornal *O Liberal*, 13/02/1953, p. 2.

Jornal *O Liberal*, 04/02/1954, p. 3.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha Campos. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festa para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trindad (1838-1920)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

CALABRE, Lia. *No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil. 1923 – 1960*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

COSTA, Antonio Maurício Dias da Costa; GOMES, Elielton Benedito Castro. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v.24, n.1, p. 195-214, jan./jun. 2011.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 381-402, 2012.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. “Você me conhece?”: significados do carnaval na belle époque carioca. *Proj. História*, São Paulo, v. 13, p. 93-108, jan./jun. 1996.

DAMASCENO, Janaina. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote. In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. 2008, Florianópolis. *Anais* [...] Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/o-corpo-do-outro-construc3a7c3b5es-raciais-e-imagens-de-controle-do-corpo-feminino-negro-o-caso-da-venus-hotentote-janaina_damasceno.pdf. Acesso: 13 jan. 2024.

DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. *Entre Cabarés e Gafieiras: um estudo das representações boemias em Belém (1950-1980)*. Ananindeua, PA: Cabana, 2021.

FANON, Frantz. *Peles negras. Máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator. 1983.

FARIAS, Bernardo. O Merengue na formação da música popular urbana de Belém do Pará: reflexões sobre as conexões Amazônia-Caribe. *Revista Brasileira do Caribe*. v. 11, n. 22, p. 227-265, jan./jun. 2011.

FREHSE, Fraya. *O Tempo das Ruas na São Paulo de Fins do Império*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

LARÊDO, Salomão. *Palácio dos Bares*. Salomão Larêdo Editora, Belém, 2003.

OLIVEIRA, Alfredo. *Carnaval Paraense*. Belém: Secult, 2006.

PENTEADO, Antônio Rocha. *Belém – Estudo de Geografia Urbana*. Belém: Universidade Federal do Pará. Vol. II, 1968.

SOUZA E SILVA, Maria Manuela Ramos de. A historiografia descobre a “festa”. *Hélade*. v. 1, n. 1, p. 38-52, 2000.